

O MUNDO GREGO E O ESPÍRITO JUDAICO-CRISTÃO DO OCIDENTE

Dilson Brito da Rocha*

Resumo: Neste estudo temos o objetivo de efetuar uma análise de dois mundos que entendemos radicalmente diversos, quais sejam, o grego e o judaico-cristão, e ao mesmo tempo demonstrar o êxito deste último. Ocorre que, o povo ocidental tem uma maneira cristã de pensar, visto que deposita total esperança no futuro (dimensão salvífica), um olhar negativo sobre o passado (remontando ao pecado original) e, ao mesmo tempo enxerga o presente como uma espécie de redenção secular. A ciência também procede com este *modus operandi*, já que para ela o passado é ignorância, o presente é pesquisa e o futuro é progresso. Outrossim, uma gama de pensadores que arroga o contrário é enviesada pela mesma racionalidade, por mais que muitos tentaram desvencilhar, sem sucesso.

Palavras-chave: Grego; judaico-cristão; povo ocidental.

Sommario: In questo studio ci proponiamo di effettuare un'analisi di due mondi che comprendiamo radicalmente diversi, vale a dire, quello greco e quello giudaico-cristiano, e allo stesso tempo dimostrare il successo di quest'ultimo. Si scopre che gli occidentali hanno un modo di pensare cristiano, poiché ripongono piena speranza nel futuro (dimensione salvifica), uno sguardo negativo al passato (risalente al peccato originale) e, allo stesso tempo, vedono il presente come una sorta di redenzione laica. Anche la scienza procede con questo *modus operandi*, poiché per essa il passato è ignoranza, il presente è ricerca e il futuro è progresso. Inoltre, una serie di pensatori che affermano il contrario è influenzata dalla stessa razionalità, per quanto molti abbiano cercato di districarsi, senza successo.

Parole-chiave: Greco; giudeo-cristiano; popolo occidentale.

INTRODUÇÃO

O Ocidente, além de ser uma região geográfica, pode ser definida como sendo uma cultura copiosamente uniforme, dispendo, graças aos gregos, de uma característica peculiar, isto é, um pensamento abstrato, através do qual se pôde fazer ciência ou, se quisermos, técnico-ciência. Chamamos abstrato aquele pensamento que prescindido do mundo sensível, e que procede da mente.

Platão, neste conducente, falava das ideias, dos números etc., abstendo da sensação corpórea, pois o corpo muda, adoece, sendo o lugar das paixões e, portanto, não é fonte de verdade. Por exemplo, se quisermos medir a temperatura de um ambiente não podemos partir dos corpos das

* Mestre em Filosofia pela UNESP/Marília; Mestre em Teologia pela PUG/Roma, Itália. Docente nas Faculdades Integradas de Bauru (FIB). E-mail: dilsondarocha@hotmail.com

peças que ocupam aquele espaço, uma vez que resultaria em várias temperaturas distintas, e não seria um saber universal válido para todos, como pretendeu o filósofo ateniense.

Para Platão, uma distinção também se fez necessária, dado que, mesmo constituindo sensações de natureza corporal, manifestam-se de formas variadas no corpo e principalmente em relação a alma, que deseja o saber. Então, poderíamos agora afirmar que as sensações corporais, que constituem empecilhos para a alma conhecer a realidade mesma de tudo o que há, são determinadas em duas categorias distintas, a saber, os sentidos, que nos proporcionam um estudo superficial sob a realidade do vir a ser, e as paixões, que inunda a alma com emoções de toda sorte, interferindo em sua capacidade de contemplar a verdade, mesmo depois da morte (ROBINSON, 2007, p. 48, grifo nosso).

Platão cria a racionalidade e este modo de pensar que não coaduna com o corpo, sucedendo que o Ocidente pensa como ele ensinou. De tal sorte, para sabermos que temperatura está fazendo precisamos recorrer a um instrumento que precisa uma medida, um número. Para Platão devemos pensar por meio dos números, das ideias, medida, quantidade, os constructos da mente.

Assim, o corpo vai, paulatinamente, sendo desvalorizado, sendo definido com aquele que prende a mente, que ele alcunha de alma, o que significa a cisão ou o dualismo platônico. De tal modo, desta cultura abstrata nasce o Ocidente, ou melhor a cultura ocidental.

1. AS DUAS FONTES DO OCIDENTE

O Ocidente tem duas fontes, a saber, o mundo grego e a tradição judaico-cristã. São duas culturas radicalmente diversas e efetivamente incompatíveis. Há quem pense que os gregos sejam protocristãos e que, como Platão falou da alma e de Deus, ele seja um protocristão. De modo rigoroso, podemos asserir que assimilar estes dois universos desta maneira é um grosso equívoco.

A cultura grega é da visão, ou seja, da procura, da “pesquisa”, e não dispõe de uma verdade universal; esta cultura é marcada pela busca da verdade, que é uma atitude. Por isso, o mundo grego é a base de todas as disciplinas que dispomos até hoje: matemática, física, filosofia, arquitetura, hidráulica etc. Isso pelo fato de buscarem a verdade como atitude.

A tradição hebraica, por seu turno, não precisa buscar a verdade, pois esta já é anunciada pela Palavra de Deus. Ou seja, não é uma cultura da visão, da busca, da “pesquisa”, mas é a cultura

da escuta (cf. Dt 6,4). Na tradição judaico-cristã se conhece a verdade, e para a observância da boa conduta basta seguir os ditames de verdade oriundos da *Lex Divina*.

Dessas duas culturas, a vitória foi do Cristianismo, que, a rigor, é uma espécie de dissidência hebraica, ou, se quisermos, uma variante do hebraísmo. Segundo Friedrich Nietzsche o Cristianismo venceu pelo fato de dizer aos homens que não morrerão nunca. Para o filósofo alemão este foi o “golpe de gênio” do Cristianismo. “[...] e estas são as duas formas fundamentais da superioridade até agora tida pelo homem sobre as outras bestas” (NIETZSCHE, 2002, p. 27).

Quando Paulo de Tarso vai ao areópago de Atenas (a Colina de Ares) e anuncia que ressuscitaremos, os atenienses o olham e riem, não creditando aquele que se fez Apóstolo. (cf. At. 14). A não creditação se deve ao fato de que, para os gregos, o homem, assim como os animais e as plantas, é um vivente que nasce, cresce, reproduz e morre, o ciclo da vida. Na época de Platão era usual o termo grego *κλάδος*, que numa tradução livre podemos verter como “ramo” e que significa “aquele que é destinado a morrer”, e *σανάτος*, que também designa na tradução para o português “o mortal”. De qualquer maneira, não havia a cogitação da imortalidade antes de Platão.

Voltando a Nietzsche, temos que o Cristianismo venceu a cultura trágica grega. A tragédia consiste no fato de que homem para viver necessita produzir um sentido em vista da morte, que é a implosão de todos os sentidos. Esta é a dimensão trágica dos gregos. Por isso eles têm o senso da medida, do limite, não ultrapassando-o. Os gregos consideram a dor como componente da vida, sem encenarem a mortalidade, quer dizer, lidam com a dor como um verdadeiro componente da vida.

Na necessidade de espelhar o fato acima, podemos lembrar o modo como morre Sócrates e como morre Jesus, sendo possível notar a diferença no modo como a morte é enfrentada. Quando o primeiro estava na prisão, Fédon o visitou e o disse que falou com 30 tiranos, acenando-o que poderia libertá-lo da morte iminente.¹ Sócrates discorda, pois seria incoerente, visto que ensinou a todos a obedecerem às leis da *Pólis*. Para Sócrates ele já havia dito tudo a

¹ A fim de aprofundar tal questão, cf. PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad. Manuel de Oliveira Pulquério. Edições 70: Lisboa, 2009.

seus concidadãos, que seu ciclo já havia concluído e que aceitava a cicuta. Este é o grego sem a teatralização da morte.

Assim, Sócrates não visou em sua defesa à eficácia no que se refere a sensibilizar os juízes, mas, em primeiro lugar, objetivou preservar o cosmo de sua alma. E, mesmo sendo condenado, alcançou o que almejava. Sua aceitação tranquila da pena e sua recusa em fugir se devem ao mesmo motivo: não tendo motivos racionais para temer a morte, mas sim para temer uma vida irracional e patética, cumpriu sem queixas a pena que lhe foi imposta. [...] para Sócrates seguir a razão é espelhar na própria alma a ordem cósmica, e fazer o contrário é desabar no caos e afastar-se de tudo o que é bom e belo. Sendo a ordem cósmica bela, é belo aquele que faz de sua alma, na medida do possível, uma imagem do cosmo. Sócrates considera ter sido boa e bela sua vida na medida em que seguiu o que lhe disse seu pensamento. E bela a sua morte, que ele aceitou por motivos igualmente racionais, quais sejam: não abandonar os princípios que lhe foram ditados pela razão por temer irracionalmente a morte (DINUCCI, 2008, p. 159).

Segundo Nietzsche depois da tragédia a cultura grega não pôde sobreviver pelo fato de ser muito radical o sofrimento. Ele considera o povo grego como o maior da terra, pois foi o povo que teve a coragem de olhar o sofrimento e a dor de frente, como ela é. A cultura judaico-cristã procede de outro modo, porque transforma a figura do tempo. Não opera mais espelhado no tempo da natureza (*cosmos*), o tempo cíclico, como era aquele do grego, similar àquele dos agricultores (das estações do ano, até o recomeço do novo ciclo), sendo assim a vida dos mortais (nasce, cresce, reproduz e morre), coadunado com a natureza.

Para a tradição judaico-cristã o tempo aparece como um desígnio de salvação (cf. Êx. 34,14; Is. 42, 8; 48, 11; Rm. 11, 36; I Co. 10, 31). Por isso o tempo se torna história. Essa história nasceu quando o tempo foi escrito neste desígnio, não mais se valendo da repetição de um ciclo refletido na φύσις (natureza). Neste desígnio o passado é visto como mal (pecado original), o presente é redenção e o futuro é salvação.

2. A APOSTA NA ESPERANÇA

De toda maneira, o futuro é olhado de forma enormemente positiva, ou melhor, é o lugar da máxima positividade, sendo que ali está a salvação gloriosa. Ao cortejar a salvação há a figura da esperança. Assim, fizemos o êxodo daquela dimensão trágica do mundo grego. Esta cultura, com o otimismo voltado para o futuro fundou o Ocidente, a cultura ocidental da esperança levada aos extremos.

Neste seguimento, a tese de que a cultura ocidental é marcadamente influenciada pelo Cristianismo se mostra plausível. Logo, o Cristianismo não é somente uma religião, mas é uma espécie de inconsciente coletivo, caracterizado do fato de que o futuro é uma promessa, sempre assustadoramente positivo. Essa cultura pertence aos cristãos, mas também aos ateus e agnósticos, que são, a rigor, todos “cristãos”, com suas peculiaridades.

Os que tentaram romper com o Cristianismo acreditam, como explícito em suas obras, que o passado é mal (mácula do pecado adâmico), o presente é a redenção e o futuro a salvação. A ciência, no que lhe diz respeito, não está isenta desta cultura. Esta, não obstante pense viver em conflito perene com a religião, o que enxergamos como uma empreitada superficial, na verdade não é assim, pois tem o mesmo espírito/mentalidade judaico-cristã. Para a ciência o passado é negativo (é a ignorância), o presente é a pesquisa e o futuro é o progresso. Isso é a tradução laica da configuração do Cristianismo. Por conseguinte, o futuro é sempre positivo.

Ademais, Karl Marx é um grande “cristão”, ainda que não tenha assumido. Este pensa que o passado seja a injustiça social, o presente faz explodir as contradições do Capitalismo (por isso a urgência da revolução) e o futuro é a justiça sobre a terra (teologicamente, podemos aduzir o Reino de Deus aqui e agora).

[...] a questão que surge aqui é a razão pela qual devemos privilegiar nossa própria época e suas categorias ou, em geral, porque épocas posteriores e suas categorias devem ser privilegiada em relação às anteriores. Pior ainda, pode parecer que se aceitarmos o método de Marx, épocas futuras e suas categorias serão privilegiadas sobre nossa própria. (KAIN, 1986, p. 530, tradução livre).

Ainda, Sigmund Freud, que escreve um livro contra a religião, intitulado *O futuro de uma ilusão* (*Die Zukunft einer Illusion*),² é profundamente “cristão”, mesmo se arroga o contrário: pensa que a neurose/trauma se forma no passado, o presente é análise e no futuro está reservada a cura. Todos são “cristãos” no Ocidente, já que são animados por este otimismo no futuro. Tudo é positivo no Ocidente.

Ocorre que, há cento e cinquenta anos Nietzsche proclama algo catastrófico: “Deus está morto”. Nós cometemos este delito. De certo, não se trata aqui de discutir com um procedimento baseado numa espécie de Teologia especulativa, se Deus existe ou não. Mas, se ele morreu, quer dizer que existia em certo tempo. Se tomamos a época do medievo, onde a arte é a arte

² No intuito de uma maior compreensão, cf. FREUD, S. O futuro de uma ilusão. In FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, p. 15-71). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Trabalho original publicado em 1927).

sacra e a literatura retrata o purgatório, o inferno, o paraíso etc., temos de inferir que Deus existe, já que se tirarmos a palavra “Deus” não entendemos nada daquele longo período histórico.

Mas, se tiramos a palavra “Deus” do mundo contemporâneo continuamos a entendê-lo. Todavia, certamente não o entenderíamos se tirássemos a palavra “dinheiro” ou a palavra “técnica”, uma vez que as duas se tornaram grandes configurações do Ocidente. É a configuração da economia mesma. Dinheiro aqui é entendido como gerador simbólico de todos os valores. Por isso, não sabemos mais o que é a verdade, o que é justo, o que é bom, o que é santo, o que é belo, mas só sabemos o que é útil. À vista disso, nossa mente está organizada desta forma na contemporaneidade.

Sobre o dinheiro, Aristóteles dizia que este não pode produzir riqueza, pois não é um bem, mas é o símbolo de um bem, e com os símbolos não se faz riqueza.³

Aristóteles discorre sobre um sistema econômico de avaliação de preços e valores de diversas atividades, que o dinheiro é um denominador comum de todos os bens e serviços, afirmando que o dinheiro mede todas as coisas, bem como o excesso e a falta, constituindo, também, um justo meio passível de comparar todas as coisas existentes. (MORAES, 2015, p. 248).

Deveras, o dinheiro vale pelo fato de existir uma lei que estabelece que valha, mas não é, per se, um bem. Ele é apenas o representante dos bens. Isso também afirma o Cristianismo. O dinheiro se tornou a forma do nosso viver, de sorte que o Ocidente vive esta configuração naquele formato econômica que chamamos de Capitalismo, que uma vez se contrapunha ao Comunismo soviético; nos tempos que correm o Capitalismo é o modelo do mundo.

Os gregos concebiam a natureza como uma espécie de fundo imutável, que nenhum homem, nem tampouco nenhum Deus havia criado. A natureza para os gregos é, está e será sempre a mesma, governada por uma lei rigorosíssima, que é a lei da necessidade. No mundo judaico-cristão, ao invés, a natureza é uma criatura de Deus. Por isso, não é mais aquela ordem necessária que nenhum homem tampouco nenhum Deus fez que opera. Como criatura de Deus, a natureza é produto de uma vontade. Depois do pecado original, Deus entrega a natureza ao

³ Para um maior aprofundamento, cf. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. In: Os Pensadores. Seleção de textos por José Américo Motta Peçanha, São Paulo: Abril Cultural, 1979, Livro V.

homem, dizendo a Adão: dominará os animais da terra, os peixes da água e os pássaros do céu (cf. Gn. 1, 26).

Em síntese, o Ocidente recuperou todas as disciplinas descobertas e edificadas pelos gregos (física, matemática, geometria, filosofia, música, arquitetura etc.), como acenamos, porém, adicionando aquele impulso do “domínio” ordenado por Deus: o domínio da natureza, que mesmo a ciência crê e funciona nos mesmos moldes cristãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, poder-se-ia dizer que, corrobora com a tese supra apresentada o fato de Francis Bacon, quando inventa a ciência moderna e a técnica, cria o suntuoso método científico, em sua obra intitulada *Novum Organum*, datada de 1620, que tem um cunho científico e filosófico. O filósofo inglês inaugura um novo modo de pensar a natureza, de dominá-la.

A ciência, aqui trabalhada, era tida como o conhecimento verdadeiro da natureza, e que a partir disso possibilitaria o homem dominá-la. Sendo assim, a ciência [para Bacon] deve ser a composição de um conhecimento que possibilite algo de concreto e positivo para o homem, e que é o próprio ato de dominação da natureza, para o seu crescimento. (ANDRADE, 1979, p. 15, grifo do autor).

Para Bacon, através da ciência e da técnica nós concorreremos com a redenção, porque através da ciência e da técnica somos capazes de reduzir as consequências do pecado original, que podemos abreviar na fadiga do trabalho, pois na condenação de Deus continha o que se segue: “No suor do teu rosto, comerás o teu pão...” (Gn. 3, 19). Sobretudo, com o trabalho está presente a dor. Com a ciência e a técnica, sem embargo, se “reduz” a dor, o sofrimento. Então, a ciência e a técnica estão escritas no quadro teológico.

Com a palavra “técnica” não nos referimos ao celular, ao computador, ao automóvel, ao frigorífero etc. Estas são tecnologia. Técnica quer dizer a forma mais alta de racionalidade alcançada pelo homem. É uma racionalidade muito simples, que consiste em alcançar o máximo de fins com o emprego mínimo dos meios. Este é o cerne da racionalidade técnica.

É urgente pensar acerca dessa questão, pois se essa racionalidade técnica se torna universal, o homem em sua subjetividade desaparecerá da história. Pois bem, o homem é também “irracional”, pois é irracional a dor, o amor, a fantasia, a imaginação, a ideação, os sonhos etc.

Com esse modo de pensar de forma econômica, não restará mais o homem, visto que tudo isso são para a técnica elementos de distúrbio.

No pensamento técnico-científico (*ratio*), o homem se torna sempre menos sujeito de vida e sempre mais funcionário de aparatos técnicos. A nossa identidade não é mais que uma coisa que nos caracteriza, pois é atribuída pelos aparatos nos quais estamos inseridos. De fato, nossa identidade foi caracterizada pelo papel que temos, ou seja, pela função que desempenhamos.

Enfim, nesta lógica, por exemplo, os nomes das pessoas não querem dizer nada, mas as funções que elas desempenham dizem “tudo”. É uma identidade de função, que não depende da pessoa para ter, mas do aparato que o dá. Quando o aparato promove seu funcionário, temos um incremento de identidade, e quando o remove, um incremento de identidade com todas as consequências negativas derivadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, José Aluysio Reis de. Bacon: vida e obra. In: BACON, Francis. *Novum Organum*; Nova Atlântida. Tradução José Aluysio Reis de Andrade. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. In: Os Pensadores. Seleção de textos por José Américo Motta Peçanha, São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DINUCCI, A. A bela morte é o fim da bela vida de Sócrates. *AISTHE*, nº 2, 2008.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão. In FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, p. 15-71). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Trabalho original publicado em 1927).

MORAES, L. K. C. Justiça em Aristóteles, Kant e Sandel: Um Estudo Comparado. *Revista de Teorias da Justiça, da Decisão e da Argumentação Jurídica*, v. 1, n. 2, p. 245-263 | Jul/Dez. 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução Paulo César de Sousa. Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad. Manuel de Oliveira Pulquério. Edições 70: Lisboa, 2009.

KAIN, Philip. Marx, Justice and the dialectic Method. *Journal of the History of Philosophy*, v. 24, n. 4, p. 523-546, October 1986.

ROBINSON, T. M. *A Psicologia de Platão*. São Paulo: Loyola, 2007.